

# Ensino e tecnologia da informação

**Jacques Marcovitch \***

Muito preocupante, para dizer o mínimo, uma intervenção que testemunhamos no Mercosur Economic Summit, organizado em Buenos Aires pelo World Economic Forum. O seu autor não mediu palavras para definir as expectativas da indústria da informática em relação ao projeto pedagógico da América Latina. Citou, sem reservas, um pacto que teria sido firmado por autoridades na área educacional do continente, segundo o qual todas as escolas estarão conectadas até 2005, via computadores. Não é preciso ser conservador para concluir que essa hipótese, aparentemente modernizadora, pode representar indesejável esterilização de padrões curriculares e a desqualificação do papel dos professores.

Embora de grande valia na difusão de conhecimento, as novas tecnologias de informação jamais deverão inibir o papel transformador do ensino. Esse papel consiste basicamente em fazer de cada aluno, depois de formado, um verdadeiro agente de mudanças.

Preparar agentes de mudanças para enfrentar os novos tempos exige mais do que tornar informações acessíveis para milhões de seres humanos. No século 15, quando surgiu a palavra impressa, o invento de Johannes Gutenberg igualmente permitiu que a informação ampliasse fantasticamente o seu alcance. Mas tornou-se necessário transformar a informação em conhecimento e, depois, transformar o conhecimento em sabedoria. A sabedoria moveu Galileu Galilei e Isaac Newton e o conhecimento induziu à revolução tecnológica nos séculos 18 e 19.

Devemos reconhecer na telemática uma

poderosa força difusora do saber, negada pelos retrógrados de hoje, tão renitentes quanto aqueles de épocas passadas. Também o invento de Gutenberg foi hostilizado e muitos autores não permitiram que o seu trabalho chegasse aos livros, por temerem o que chamavam de incompreensão dos ignorantes. A história, esta sabia mestra, demonstrou exatamente o contrário: o livro é a melhor arma contra a ignorância. O livro mudou profundamente o papel do educador e a missão da escola. Tornou os professores ainda mais importantes para a estruturação dos projetos de vida dos jovens. Uma educação padronizada e submetida a interesses não-pedagógicos causaria danos irreparáveis às novas gerações.

O desafio da educação é o de arquitetar novas mentalidades. Para tanto devemos buscar, dentro e fora da escola, a complementaridade em objetivos que muitos julgam antagônicos: indução do espírito empreendedor e trabalho de equipe; postura geoestratégica proativa e respeito à diversidade; busca da excelência e preservação das diferenças de perspectivas; competição e cooperação; lógica de mercado e coesão social.

Eis, em resumo, os princípios para a construção da mentalidade de uma juventude nascida na década de 80 e que chegará ao ano 2080, pois é de aproximadamente cem anos a esperança de vida projetada para as novas gerações. São princípios que refletem movimentos de integração e fragmentação, marcantes

em nossa era, quando os meios digitalizados nos aproximam e o fosso sócio-econômico nos distancia de forma crescente.

A educação é a força capaz de mediar os conflitos existentes e atenuar seus efeitos. Cabe usá-la com aguçado senso de valores, impondo limites aos processos disponíveis, inclusive os da informática. Oferecer generalizada aos alunos um prato feito nos servidores eletrônicos, por exemplo, é procedimento que pode gerar a robotização da juventude e destruir valores essenciais. Sem falar no risco de acidentes como o ocorrido com a



Associated Press, que publicou na Internet material guardado para uso em caso de falecimento do ator Bob Hope. Na hora em que milhões de pessoas tomavam conhecimento da notícia falsa e líderes políticos americanos formulavam pêsames no Congresso, Hope, de 95 anos, dormia placidamente em sua casa. É fácil imaginar os efeitos de um erro dessa natureza em programas educacionais, difundidos em rede para todas as escolas do continente.

A educação é uma questão muito séria para ser decidida isoladamente por autoridades, fornecedores de equipamentos eletrônicos e provedores de serviços digitalizados. Embora os novos tempos exijam dos educadores um diálogo permanente com todos os segmentos da sociedade, em busca de currículos adequados ao mundo real, isso não deve implicar a serialização das consciências. Precisamos de uma pedagogia que harmonize visões de mundo com o ensino de competências espe-

cíficas e novas habilidades.

Essa forma de pensar a educação não pode ser apenas teórica e imobilista. Foquemos alguns tópicos que resumem os conceitos gerais até aqui expostos nestas linhas: reconhecer que a juventude da década de 80 é muito diferente, talvez mesmo oposta àquela de que fizemos parte, na década de 60; reconhecer que a educação dura a vida toda; reconhecer que a tecnologia tem um papel importante na educação das próximas gerações e na formação de mentalidades; reconhecer que uma visão de mundo é construída a partir da infância, na família, e tem o seu ponto de inflexão na escola, durante a juventude; integrar, no ensino, os projetos profissionais e os deveres de cidadania.

A convivência humana é insubstituível na comunidade escolar. Até para ensinar os alunos a usar a virtualidade e atualizá-los constantemente sobre os novos meios, a figura do professor é imprescindível. Há pessoas que julgam equivocadamente esgotada a era dos livros e impressos, porque eles estão disponíveis nos computadores. Essas pessoas esquecem que tal disponibilidade existe para consulta, e não para leitura. Haverá sempre escritores e leitores, como haverá sempre alunos e professores convivendo e engendrando o futuro, em salas de aula, bibliotecas e laboratórios. Da palavra falada à escrita e da palavra impressa à digitalizada, cada era enriqueceu a anterior, em vez de anular as suas conquistas.

A escola, em face da revolução tecnológica, é igual a qualquer outra organização. Como as empresas, não pode ignorá-la e deixar de aproveitar todos os benefícios. Evidentemente, sendo um centro crítico e questionador por na-

tureza, jamais será uma usuária incondicional das oportunidades criadas pela tecnologia. Mas desconhecê-la ou deixar de aproveitá-la é absolutamente imperdoável.

Nesse sentido, a escola moderna tem muito o que aprender com algumas empresas. O conceito de empresa-cidadã, hoje com tantos adeptos no setor produtivo, também é um modelo a ser considerado pelas escolas do nosso tempo. Não para imitá-lo, mas para aproveitar o que nele é universal e ético. Claro que há diferenças e semelhanças entre as instituições de educação e as empresas. A semelhança básica é que as instituições de ensino, como as empresas, obrigam-se hoje a fazer mais com menos recursos. A diferença principal é que a empresa trabalha para obter resultados de curto e médio prazo, enquanto a escola contempla um horizonte mais distante. Essas especificidades, cada dia mais compreendidas por educadores e empresários modernos, vez por outra são atropeladas por discursos apocalípticos de um e de outro lado.

Ao discurso pragmático e sem nuanças que prega uma irrestrita apologia do ensino informatizado opõem-se, na "rive gauche" do pensamento, as teses de Viviane Forrester. Essa respeitável ensaísta do Le Monde agita o universo intelectual do mundo com o seu pequeno e inquietante livro chamado "O horror econômico", onde proclama a impotência da sociedade para criar oportunidades de trabalho. São visões contraditórias em nosso tempo que somente a educação poderá filtrar, garantindo um sentido novo e construtivo para a aventura do homem. ■

\* Reitor da Universidade de São Paulo.